



ESTADOS UNIDOS

Trump declara guerra dentro de casa

O republicano voltou a ameaçar, por meio do Departamento de Guerra, uma intervenção militar em Chicago, a terceira maior cidade dos Estados Unidos

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ameaçou, ontem, uma intervenção militar em Chicago, a terceira maior cidade dos Estados Unidos. As ameaças do republicano por meio do Departamento de Guerra norte-americano foram feitas em uma rede social e provocaram repúdio do governador de Illinois, estado onde fica a cidade ameaçada.

Em sua rede Truth Social, Trump escreveu que "Chicago está prestes a descobrir por que se chama Departamento da Guerra". A publicação incluía uma imagem dele, aparentemente gerada por inteligência artificial, e com a legenda: "Adoro o cheiro das deportações pela manhã", em referência a uma fala do filme de 1979 *Apocalypse Now*.

A medida busca replicar a operação já realizada na capital americana, Washington, onde o governo federal destacou tropas da Guarda Nacional e aumentou o número de agentes federais para realizar detenções para deportações, apesar dos protestos das autoridades locais. Ontem, uma grande marcha de protesto percorreu o centro de Washington exigindo o fim da ocupação.

A declaração também foi feita um dia após o mandatário republicano assinar um decreto que muda o nome da pasta de Defesa para Departamento da Guerra para, segundo ele, enviar "uma mensagem de vitória" ao mundo.

Reação democrata

O governador democrata de Illinois, J.B. Pritzker, estado onde fica Chicago, expressou sua indignação com a publicação de Trump. "O presidente dos Estados Unidos ameaça declarar guerra contra uma cidade americana. Isso não é uma piada. Isso não é normal", escreveu o governador em publicação no X. "Illinois não se deixará intimidar por um aspirante a ditador", acrescentou o democrata.

A mobilização de tropas e agentes federais de Trump, que começou em junho em Los Angeles e continuou em Washington, resultou em ações judiciais e protestos, e seus críticos classificam a medida como demonstração de força autoritária.

O chefe de Estado republicano ameaçou realizar operações similares em Baltimore e Nova Orleans, cidades que também são governadas por democratas.

Anna Moneymaker/AFP



"Chicago está prestes a descobrir por que se chama Departamento da Guerra", declarou o presidente dos EUA em uma rede social

JHONN ZERPA/AFP



O presidente disse que haveria uma "luta armada" em caso de ataque

Maduro pede diálogo com EUA

O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, prometeu defender a soberania do país enquanto aumentam as tensões em virtude da presença de navios de guerra dos Estados Unidos no Caribe. Ele pediu ao presidente dos EUA, Donald Trump, que se engaje em diálogo para evitar um conflito.

As declarações ocorreram dias após a administração Trump afirmar que forças americanas

realizaram um ataque no Caribe, afundando um barco que teria pertencido à gangue venezuelana Tren de Aragua, acusada de traficar drogas para os EUA. O ataque matou 11 pessoas, mas a versão americana foi questionada por Caracas.

"Venezuela está sempre pronta para o diálogo, mas exigimos respeito", disse Maduro em discurso em uma base militar em Caracas. "Nenhuma de nossas diferenças justifica um conflito

militar de alto impacto na América do Sul". O ataque gerou reação em toda a América Latina, região que sofre efeitos de incursões americanas anteriores.

Washington enviou mais de quatro mil fuzileiros e recursos navais à região, afirmando que a ação tem como alvo cartéis de drogas latino-americanos. Autoridades americanas não indicaram uma incursão terrestre na Venezuela, mas Maduro denunciou o reforço militar

como uma ameaça de invasão.

Ele acusou os EUA de fabricar alegações de tráfico de drogas para justificar uma mudança de regime, citando a decisão de Washington, no mês passado, de dobrar a recompensa por sua captura para US\$ 50 milhões.

A ameaça vaga de intervenção americana tem sido utilizada pelo venezuelano para reunir apoio interno, em meio à diminuição de seu respaldo político no país.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

AMBIÇÕES ANTI-OCIDENTAIS NO MUNDO

O mundo é cada vez mais rico de mobilidade e mais pobre de amizade. Não há região onde a mescla entre política e inimizade esteja fora de moda. A desordem é maior do que o a ordem quando o corpo político é dispensado de princípios e só exige tutela e correspondência. Guerras são o fim da política. Por isso, são antecidadas de extremos morais e discriminação.

A política virou uma atividade dogmática movida por esforços compulsivos, humores orgânicos de quem baila bem entre a astúcia e a ofensa, atraindo, especialmente, quem inscreve a divergência — e muitas vezes o ódio — na vida e no luto da defesa de ideias. Servem pouco ao progresso conflitos motivados por alergias, impaciência, valorização de um ponto de vista único.

Mas Deus salve a Europa se não

houver mais necessidade de ninguém fugir de um país ao outro. Região historicamente belicosa do mundo, que cansou do baile dos sectários e assistiu ao esgotamento das pretensas teorizações, princípios e desejos que levam a conflitos que poderiam ser evitados. Região que decidiu não dar mais valorização excessiva ao espírito de revolta e de defesa de fronteiras por ver virtude maior na superação das barreiras que impedem a livre circulação do pensamento, das artes, das pessoas e das mercadorias.

Não é de geografia que escrevo. Região institucionalizada na União Europeia deu um importante passo na integração pela criação de um elevado estado de espírito, o espaço Schengen, acordo criado em 1985 nessa vila de Luxemburgo, que não chega a mil habitantes.

O acordo aboliu o controle das fronteiras internas de parte significativa da Europa — incluindo quase todos os membros da União Europeia, mais alguns países da região que aderiram ao tratado — para possibilitar a livre circulação de pessoas, bens e serviços.

Schengen foi escolhido como destino porque é o único local onde França e Alemanha — os países mais populosos da União Europeia — se encontram com um membro do Benelux, grupo formado por três países — Bélgica, Holanda e Luxemburgo — que deram início à prática de uma comunidade de nações com fronteiras abertas em meio ao fraturado século 20.

Uma política comum de visto faz com que aqueles de fora do Espaço Schengen tenham que carimbar o passaporte apenas na primeira

entrada, podendo, então, seguir em frente por quase toda a Europa Ocidental, sem ser incomodado com a burocracia dos Estados estruturados nos séculos 19 e 20.

Há sinais de que o esplendor desse sonho talvez esteja se exaurindo. No espaço Schengen, quanto ao seu redor, vemos o retorno de uma história sem utopia que a violência e a política fratricida e de ambições vêm impondo ao mundo.

Neste ano, 11 países — entre eles França, Alemanha e Holanda — restabeleceram controles internos de fronteira de caráter excepcional, mas aplicáveis a todos os viajantes. Embora, em grande medida, o compromisso com a livre circulação dentro do espaço Schengen permaneça em vigor, instrumentos concebidos como medidas de último recurso vêm sendo banalizados em escala crescente. Pelas regras, tais controles só podem durar seis

meses, mas podem ser renovados sempre que as autoridades aleguem a existência de circunstâncias excepcionais. O problema é que o "excepcional" está tornando-se rotina.

Por outro lado, também em 2025 o Espaço Schengen se expandiu, integrando a Bulgária e a Romênia, resultando no fim dos controles fronteiriços terrestres dos dois com seus vizinhos da UE.

Esse movimento ambivalente entre integração e retração remete a uma tipologia clássica de Albert Hirschman sobre como a política reage diante da ordem estabelecida.

Albert Hirschman foi um dos intelectuais mais notáveis do século 20. Além de ter uma das obras mais perspicazes e honestas das ciências econômicas, o jovem Hirschman serviu na Guerra Civil Espanhola e na resistência francesa após ter sido expulso pelo nazismo de sua Alemanha natal. Chegou nos EUA com documentos

falsos, fugitivo que era do nazifascismo, após desafiar a Gestapo e ajudar centenas de antifascistas a escapar pelos Pireneus. O que será que Hirschman diria das ambições antiocidentais dos líderes atuais sufocando os valores de liberdade, democracia, cultura, razão e livre circulação que fizeram o mundo moderno?

O espaço Schengen representou, por décadas, a aposta europeia na lealdade básica à integração e na voz da cooperação mútua, superando a lógica sectária que alimentava guerras. Sua expansão, com a adesão de Bulgária e Romênia, é sinal de persistência desse espírito. Todavia, quando as nações incitam suas tropas, deslocam navios ou fazem desfiles militares ao gosto de tiranos, os ventos de retração ilustram como os princípios ocidentais europeus correm risco de desaparecer.

PAULO DELGADO, sociólogo